

ILHAS DE CABO VERDE: ALGUNS ASPECTOS DE SUA REALIDADE

POR MARCELO QUINTINO GALVÃO BAPTISTA*

1 - Introdução

Apresentar realidade de Cabo Verde para a comunidade acadêmica brasileira tem sido sempre um desafio a que temos tentado corresponder, na medida do possível. Fazê-lo, tem sido um exercício. Mas qual o interesse disso? Dentre algumas respostas para a pergunta, ensaiamos algumas. Vejamos:

É possível que poucos integrantes da comunidade acadêmica, em particular do meio universitário, estejam munidos de informações sobre Cabo Verde (o Brasil, ao contrário, tem sido e é estudado lá, logo no ensino fundamental). As informações que aqui chegam, via meios de comunicação, são insipientes além de genéricas. Falar desse jovem país pode, então, resultar em que este seja mais bem conhecido, para além de sabermos vagamente ter sido uma referência, que remonta ao Tratado de Tordesilhas.

Cabo Verde é um país irmão. Como o Brasil, foi uma colônia de Portugal, mas mais antiga; data de 1460 a sua descoberta. Aliado a essa referência histórica, há o fato de Cabo Verde ser uma referência também das viagens para o Brasil e para a Américas em geral, desde os tempos idos e durante longos anos.

Traços cabo-verdianos estão presentes aqui, no que tange a algumas culturas vegetais e animais (no Nordeste). Traços outros há, relacionando um país com o outro, referentes aos usos e costumes, à cultura em geral.

Além de tudo isso, e apesar das óbvias diferenças, gigantescas em termos de território e população que dispensam comparações, há muitos outros aspectos ligando Cabo Verde ao Brasil. Uma leitura atenta permitir-nos-á encontrá-los no que apresentamos a seguir.

2- Localização Geográfica, Condições Climáticas e População

Cabo Verde é um arquipélago de 4033 km² de superfície, formado por 10 ilhas e 8 ilhéus, de origem vulcânica, dispostos numa forma elíptica. O arquipélago é dividido em dois grupos de ilhas, consoante a sua posição em relação aos ventos do nordeste: o grupo de Barlavento e grupo de Sotavento. As ilhas são: Bravo, Fogo, Santiago, Maio, Boavista, Sal, São Nicolau, Santa Luzia, São Vicente e Santo Antão. O arquipélago está situado no Oceano Atlântico centro-leste, a norte do equador, a 17° de latitude e a 15° de longitude ocidental, distantes cerca de 500 km do Continente Africano. As ilhas possuem uma população atual inferior a 500 000 habitantes. Mais do que o dobro vive no exterior.

O clima é tropical, bastante ameno, com uma média anual em torno de 25°C e sem grandes amplitudes térmicas: variações entre a temperatura máxima e a mínima não ultrapassam os 10°C, por causa da influência do oceano. Há duas estações: uma estação seca (entre Novembro e Julho) e outra, chuvosa (de Agosto a Outubro).

3- A Descoberta (ou achado?) e o Povoamento: O Perfil de Uma Nação

Os portugueses chegaram a Cabo Verde em 1460 e vangloriaram-se muito de terem sido os primeiros a pisar no solo dessas ilhas. Um poeta cabo-verdiano disse certa vez: “*Essas ilhas estavam adormecidas na noite dos tempos á espera de serem Portugal*”. Na verdade,



não tão adormecidas assim. Apesar da História não registrar a existência de nativos antes da chegada dos portugueses, há indícios fortes de que os árabes já haviam estado nessas paragens, embora só de passagem. Uma polêmica, é claro.

Localizada estrategicamente, “*na encruzilhada de três continentes*”, a ex-província ultramarina portuguesa começou desde cedo servindo de entreposto comercial de escravos africanos para as Américas. Mais tarde, de depósito de degredados, e até 1975, de prisioneiros políticos

cabo-verdianos, portugueses e das outras ex-colônias lusas, descontentes com a política de Antônio Salazar e de seu continuador Marcelo Caetano.

Devido à escassez de recursos naturais, aliada a secas periódicas, Cabo Verde não era um arquipélago atrativo para os colonizadores ali se fixarem e proverem o seu povoamento e desenvolvimento. Poucos homens brancos de fato se interessaram por essas ilhas. Do cruzamentos desses europeus com mulheres africanas da Costa da Guiné, mais precisamente entre os limites norte do Senegal e o norte da Serra Leoa, surgiu o mestiço cabo-verdiano. Do lado africano, vários grupos étnicos contribuíram para essa mestiçagem: os fulas, os jalofos, os mandingas, os papéis, dentre outros. Cerca de vinte e sete grupos étnicos e subgrupos devem ter entrado nessas ilhas.

Essa marca africana foi forte para garantir a contribuição afro-negra para o povoamento, que se deu a partir de 1462, e para a formação da sociedade cabo-verdiana. Da fusão euro-africana resultou uma nação própria, peculiar na visão de mundo, nos costumes, no folclore, na cultura e suas varias manifestações.

Conforme sustentam Pereira e Varela (1985, p. 37), fatores como o império em Cabo Verde, por muito tempo, da “*monocultura da cana sacarina e do algodão, grandes consumidores de mão-de-obra, a quase ausência do branco, como elemento de aglutinação social, contribuíram para a horizontalidade social, a quase ausência do racismo*”. Ali, o econômico, desde cedo, foi “*fator de promoção social, de 'brancalização'*”.

A formação do mestiço é indicativo da fusão de dominadores (os brancos) e de dominados (os escravos negros que tinham que ficar nas ilhas ou eram transportados para as Américas).

O fato de Cabo Verde ser uma nação mestiça é motivo de certa incompreensão e até mesmo de alguma desconfiança. Isso não é de admirar, pois, infelizmente, o mestiço que se impôs logo no início da colonização, foi usado para a causa da dominação portuguesa nas outras colônias de Portugal em África.

Os traços da sociedade mestiça que se formou são evidenciados pelos aspectos culturais que demonstram tanto a influência européia quanto a africana, mas são caracteristicamente sintéticos (Pereira e Varela, 1985). São os seguintes esses traços:

A língua do berço, o *crioulo*, assim chamado pela maioria, ou a língua cabo-verdiana que outros tentam assim denominar, é um desses traços. Estima-se que quase 90% dos (seus) vocábulos tenham origem portuguesa, enquanto a estrutura gramatical se afasta da do português, aproximando-se da de línguas africanas da costa ocidental.

Quanto à religiosidade, o cristianismo é uma manifestação fundamental, de expressão católica, desde a colonização. Há apenas resquícios de crenças africanas carecendo de um estudo atento e aprofundado. As tradições orais, destacando-se os usos e os costumes, a literatura oral e as crendices, exprimem uma cosmovisão cabo-verdiana.

Na música, a modalidade da “*morna*”, em especial, entre outras, revela a influência portuguesa, enquanto a “*coladeira*”, o “*batuque*” e o “*finçon*” revelam a

influência africana.

A literatura foi indicativo, desde cedo, da influência portuguesa dominante, até 1936, quando nasceu uma consciência cabo-verdiana de expressão literária própria.

Quando à alimentação, a base é o milho do qual são feitos vários pratos (dentre os quais, a “cachupa”, de origem portuguesa, o “cusuz”, de origem árabe.

Outros pratos à base do peixe são muito apreciados.

A habitação e os vestuários idênticos em todas as ilhas revelam ostensivamente a influência portuguesa.



4- O Processo da Independência: Um Longo Percurso

Se Cabo Verde não possuía atrativos para os portugueses lá se fixarem e, portanto, desenvolvê-lo, como sempre explicitaram, por que então Portugal resistiu tanto em aceitar a possibilidade de que essas ilhas se tornassem independentes? Uma das respostas, para muitos, e talvez a mais plausível, é a seguinte: perder Cabo Verde significaria para a antiga potência colonizadora perder o controle sobre as outras possessões de então, dado o fato de que muitos cabo-verdianos, como já foi mencionado, tenham (infelizmente) auxiliado os portugueses no seu domínio na África e na Ásia.

Essa colaboração com a política colonialista não impediu, entretanto, que os cabo-verdianos vivenciassem a ambigüidade da tão apregoada sociedade “*plurirracial e multicontinental*” e o conseqüente sentimento de nacionalismo, o que fez gerar a consciência da necessidade da independência. Essa consciência encontrou em jovens estudantes um terreno fértil para germinar, crescer, florescer e se frutificar. Desses jovens, destacamos Amílcar Cabral, cidadão de Cabo Verde e da Guiné-Bissau.

Amílcar era engenheiro agrônomo, desde cedo engajado em discussões sobre o destino não apenas de sua terra como também de todas as ex-colônias portuguesas na África. Amílcar Cabral arquitetou a formação de uma oposição à política imperialista. Fundou, em conjunto com outros conterrâneos, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e auxiliou a fundação de outras oposições, como o Movimento Popular de Libertação de Angola - o MPLA - e a Frente de Libertação de Moçambique, a Frelimo.

O PAIGC nasceu na década de 1960 como uma força política que precisou ser também armada, embora toda a sua filosofia de luta fosse de articular negociações que conduzissem à independência pacífica de Guiné e de Cabo Verde. A resistência intransigente de Portugal em negociar com os nacionalistas e o uso da força para demonstrar essa resistência, obrigaram a militarização do PAIGC e a conseqüente guerra de guerrilha durante cerca de 10 anos, na Guiné. Em Cabo Verde, devido sobretudo às condições geográficas, houve apenas luta política.

A guerra foi sangrenta, como todas as guerras, e produziu traumas, mas foi a única saída viável. A guerra produziu também apoio da população que aderiu rapidamente à causa da independência. Em Portugal, também o povo começou a questionar o caráter inglório da guerra em todo o Ultramar, ante a perda constante de vidas humanas. Portanto, foi a pressão luta armada na Guiné-Bissau, em Angola e em Moçambique que contribuiu, a partir de 1974, para a insatisfação no seio das forças armadas de Portugal, levando à chamada “Revolução dos Cravos” e, conseqüentemente, ao processo de negociações visando à independência de todas as colônias lusas em África. A independências dessas colônias de fato ocorreu em 1975. Particularmente, a independência de Cabo Verde teve lugar no dia 5 de julho desse ano. A da Guiné-Bissau, entretanto, fora proclamada gloriosamente pelo PAIGC, em 1974, à revelia de

Portugal, mas sob reconhecimento da ONU, quando mais de 2/3 do território nacional já estava tomado do invasor.

5 - Os Primórdios da Reconstrução Nacional

O apoio à independência foi geral. O PAIGC mostrou-se simpático ao povo. De inspiração socialista, o partido foi sempre cuidadoso em não se declarar dessa forma, embora a leitura do seu programa não desse margens para dúvidas a um leitor atento. O partido tratou de promover a organização de uma infra-estrutura que gerasse desenvolvimento planejado, em bases socialistas, e de fazer as adaptações que as velhas superestruturadas precisavam. Tratou da instalação de um regime de garantia de igualdade para todos, mas privilegiando os trabalhadores tão sacrificados na época colonial; tratou da instalação das bases industriais para o arranque do desenvolvimento, com a participação majoritária do Estado em relação à do capital privado nacional; tratou da nacionalização dos serviços essenciais, como saúde e educação.

Slogans sobre a revolução dominavam os meios de comunicação e a vida social em geral. Todos saboreavam a independência e o fato histórico de terem o destino da sua terra em suas próprias mãos. Os cabo-verdianos estavam destemidos, pois já tinham aprendido a dureza de lutar “*contra os deuses e os homens*”, como dizia o poeta Ovídio Martins.

A literatura, a música e o teatro, que nascia, refletiam a nova ordem, numa produção desenfreada. Os temas versavam sobre a revolução.

Cabo Verde passou a ligar-se ao mundo das nações livres, reconhecido internacionalmente. O Brasil foi um dos primeiros, senão o primeiro país, a reconhecer a independência dessas ilhas. O primeiro governo de Cabo Verde deixou clara a sua política interna: a) luta contra a exploração do homem pelo homem, sob que formas fossem; b) um acirrado não alinhamento externo e uma defesa intransigente do anti-colonialismo e do anti-imperialismo; c) Paz em África e fraterna cooperação com todos os povos.

Foram feitas promessas de reforma agrária e de encurtamento da distância cidade/campo, o que não foi possível ser concretizado de todo. As classes mais desfavorecidas (trabalhadores rurais e urbanos) passaram a nutrir uma esperança de uma vida melhor. Esperança que ainda hoje está viva. Mas até quando?

Formaram-se, pela iniciativa do partido, organizações populares de defesa da nova sociedade: uma delas foi a dos Pioneiros, envolvendo as crianças denominadas carinhosamente de “*as flores da nossa Revolução*” desde quando Amílcar Cabral era ainda vivo; outra organização foi a da Juventude Africana Amílcar Cabral, para mobilizar os jovens na reconstrução nacional; outra, a Organização da Mulher, como forma de fomentar a participação da nova mulher na condução do destino do país. Amílcar Cabral já dizia, esperançoso: “*uma nova mulher está pronta para nascer do nosso chão...*”. Os trabalhadores que nunca tinham experimentado antes uma organização de si mesmos, passaram a juntar-se em sindicatos atrelados ao partido, é claro.

Muito apoio externo, principal-mente dos países considerados socialistas. Cabo Verde passou a ganhar crédito financeiro à implementação de projetos de desenvolvimento em várias áreas. Podemos citar algumas delas:



- Projetos voltados para a agricultura, para a redução da importação de alimentos, necessitando a exploração de águas subterrâneas, da água do mar pela dessalinização; a construção de diques em terrenos acidentados, de depósitos de armazenamento pluvial; a plantação de árvores em larga escala;

- Projetos voltados para a pesca, em sua modalidade industrial, na época

bastante artesanal ainda: aproveitando dos fartos recursos do mar, destacando-se a gostosa lagosta e o delicioso atum;

- Projetos voltados para a assimilação de mão-de-obra nacional qualificada, residente no exterior, ou no país sem adequado aproveitamento, ou sua possível exportação para países vizinhos carentes, como Angola e Moçambique. Se a proliferação de técnicos superiores, é, por outro lado, o país não conseguiu ainda absorvê-los satisfatoriamente.



- Projetos visando a prestação de serviços, melhorando-os cada vez mais e explorando o fato de as ilhas serem um ponto de escala aérea e marítima, resultando em entrada de grande soma de divisas;

- Projetos voltados para o turismo. Esta é a área mais promissora para o desenvolvimento de Cabo Verde, em termos de rentabilidade. Se a Natureza foi ingrata com essas ilhas quanto aos recursos de seu subsolo, no que se refere ao turismo o arquipélago tem condições naturais excelentes. Ilhas montanhosas, com muitas elevações, sendo uma delas, o Vulcão do Fogo, com cerca de 3 mil metros de altura, coexistem com ilhas rasas, todas ensolaradas durante o ano inteiro. Elas exibem praias quilométricas, de areia negra e branca, de águas límpidas e azuladas, com uma amena temperatura. O investimento no turismo é uma boa saída econômica e é preciso que isso seja feito conforme princípios ecológicos, sem agressão à Natureza.

Além dos benefícios econômicos, o investimento turístico propiciará a Cabo Verde uma divulgação internacional, afora o fato de já ser conhecido como um país de paz. A abertura ao mundo significará disposição cabo-verdiana em absorver experiências positivas do exterior e aplicá-las internamente, de forma adaptativa, em todos os sentidos.

A reconstrução nacional é uma tarefa difícil para um micropáís como esse e deverá ser orientada no sentido de desenvolvimento global, ao contrário do que vem sendo feito desde 1975. Fundamental nessa luta é a educação da sociedade para o combate ao analfabetismo cuja taxa decresceu bastante. Vale registrar que o apoio de Paulo Freire foi decisivo, nesse sentido, nos primeiros anos pós-independência. Sua pedagogia foi de extrema importância para o combate ao analfabetismo de adultos, deixando sementes que certamente irão germinar no seio das novas gerações.

6- O Pluripartidarismo a partir de 1991

O governo do PAIGC durou 15 anos. Único governo do mundo em dois países simultaneamente. O presidente da primeira república de Cabo Verde era também secretário geral do PAIGC, e o presidente da Guiné-Bissau, secretário adjunto do mesmo partido.

O namoro entre Cabo Verde e Guiné-Bissau, pela unidade dos dois países, durou bastante, mas não chegou a haver casamento político e econômico. O projeto da unidade era um sonho dos dirigentes do PAIGC, mas não uma aspiração dos povos sob sua égide. Antes de 15 anos o Africano para a Independência de Cabo Verde, mudou de sigla, passando a ser PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde); na Guiné, manteve sua sigla antiga. Não há clareza suficiente sobre o rompimento com a Guiné, mas há especulações no sentido de que Cabo Verde tivesse planos de hegemonia sobre esse país irmão, o que não deixaria de ser um tremendo absurdo.

Depois de 15 anos dirigindo o governo de Cabo Verde, começou a haver insatisfação popular com o PAIGC. A insatisfação, de fato, era manifestada pela classe média urbana e pelos pequenos proprietários rurais, perante a política de planejamento

econômico e controle do Estado. A reivindicação visava a abertura política e econômica.

O que alguns analistas políticos consideram é que o maior erro do PAIGC não estaria no fato de ter sido o único partido a dirigir o País, mas no fato de que sua cúpula ter-se-ia distanciado demais das bases no acompanhamento dos acontecimentos e na tomada de decisões. Os intelectuais dirigentes tinham-se esquecido do apoio recebido e afastaram-se das bases, confiando somente em si mesmos.

Assim, conforme esses analistas, a relação entre a cúpula e as bases teria passado a ficar cada vez mais artificial e fragilizada, a ponto de comprometer decisivamente a vitória do PAICV nas primeiras eleições pluripartidárias, em 1991. O partido teria conseguido apenas cerca de 20% dos votos, nessas eleições, cedendo lugar ao Movimento para a Democracia, o MpD. A insatisfação popular era tanta que essas primeiras eleições foram chamadas de “*A segunda independência*”.

O MpD não apenas ganhou as primeiras eleições como também permaneceu no poder, em quase todos os níveis, nas eleições seguintes, caminhando para, talvez, manter-se no poder por mais tempo do que o seu concorrente.

A nova força dirigente nasceu tendo como contexto a queda do muro de Berlim e dos governos socialistas. Sua atuação ganhou força graças a esse contexto internacional favorável. Internamente, a nova força dirigente tentou a todo vapor apagar todos os vestígios da revolução que o partido anterior tentara realizar, como se assim tudo pudesse ser apagado da memória. Ou poderia mesmo? Resta essa interrogação.

Após a instauração da 2ª República, novas palavras passaram a dominar os meios de comunicação de massa: “transparência” e “competência” governativa, “privatização”, dentre outras. E com essas palavras, uma nova configuração do quadro econômico e social. Cabe-nos não esquecer o que Chauí (1997) chama à atenção nesse sentido.

7- Considerações Finais

Como mencionamos no início, divulgar informações sobre Cabo Verde no meio acadêmico pode propiciar um conhecimento melhor desse jovem país e gerar uma maior aproximação do mesmo em relação ao Brasil. Afinidades de ordem histórica, por exemplo, e as daí decorrentes, não faltam para essa aproximação, que, entretanto, esteve comprometida, por várias razões, dentre as quais o relativo afastamento geográfico, por exemplo.

Esforços de ambos os países irmãos, para essa aproximação, têm sido empreendidos oficialmente e com bastante êxito. Desde a sua independência que Cabo Verde tem tentado reduzir seu distanciamento do Brasil, na expectativa de tê-lo como um importante parceiro de cooperação. E tem havido respostas positivas, nesse sentido.

Além de projetos concretos de cooperação em vários domínios, como aspectos que atestam os esforços de aproximação Cabo Verde-Brasil, cabe destacarmos aqueles da esfera educacional, tendo as universidades desempenhado, para isso, um papel de relêvo. Em comparação com as instituições de ensino de outros países, as universidades do Brasil têm amparado mais significativamente centenas de cabo-verdianos que vêm desenvolvendo seus estudos, em nível, principalmente, de graduação, de 1975 em diante. Quanto à pós-graduação, esse amparo tem sido ainda pequeno, mas por condicionalismos gerados não no país de destino, mas no de origem.



Um fato, porém, alimenta a esperança de que, no respeitante à pós-graduação, o intercâmbio se estenda mais e se intensifique. Nos últimos anos, Cabo Verde vem dedicando atenção especial ao

desenvolvimento do ensino superior, como uma meta importante, ultrapassada já a fase de consolidação do ensino em outros níveis.

Como aspectos dessa atenção, as autoridades educacionais vêm estudando experiências bem sucedidas em pequenos arquipélagos e estados insulares (Açores, Madeira, Canárias) para tirar proveito delas, mas sem deixar de considerar também experiências de países afins, como o caso do Brasil, apesar da situação delicada em que o ensino se encontra aqui. Dadas as características de Cabo Verde, experiências brasileiras aplicadas lá, como as que ocorreram no âmbito da administração pública, por exemplo, são passíveis de sucesso. Foi assim que num recente *Fórum*, realizado na cidade da Praia (Cabo Verde, 1999), ficou evidente o interesse pela contribuição do Brasil no dinamismo que Cabo Verde pretende imprimir ao ensino superior cujos núcleos, em áreas estrategicamente estabelecidas, já produziram bons frutos. Algumas iniciativas para a materialização desse contributo foram tomadas, envolvendo autoridades educacionais universitárias do Brasil e de Cabo Verde.

Além dos benefícios mútuos que a aproximação dos dois países implicará, certamente um será também de grande valia: o fato de podermos aprender, em decorrência dessa aproximação, que descobrir Cabo Verde é descobrir como a história forjou semelhanças, entre brasileiros e cabo-verdianos, muito mais profundas do que constatamos, apesar das diferenças.

Referências Bibliográficas

- "Cabo Verde (1999). Conclusões e Recomendações". *Fórum sobre o ensino superior em Cabo Verde*. Cidade da Praia: Direção Geral do Ensino Superior e Ciência/Ministério da Educação, Ciência, Juventude e Desporto.

- Chauí, Marilena (1997). "Ideologia neoliberal e Universidade". Palestra proferida na Universidade Federal de São Carlos, como atividade da calourada (pp. 1-24).

- Pereira, Daniel e Varela, Tomé (1985). "Condicionalismos histórico-culturais da formação da nação caboverdiana". Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional sobre a "Formação da Nação nos Cinco"*, em Bissau (pp.35-42).



* **Marcelo Quintino Galvão Baptista** é doutorando em Educação (PPGE) pela UFSCar, membro do NEAB e professor do Departamento de Psicologia Experimental da UFPA.
E-mail: pmqb@iris.ufscar.br e mqgb@cpgp.ufpa.br